



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA
BAB

AUTOBIOGRAFIA FRAGMENTADA

ALICE AFFONSO SIMONACI
DRE 117229446

Rio de Janeiro
2023

AUTOBIOGRAFIA FRAGMENTADA

ALICE AFFONSO SIMONACI
117229446

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Setor Pintura, Dep. De
Artes Base da Escola de Belas Artes da
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Curso de Graduação em Pintura, como
requisito para a obtenção do título de
Bacharel em Pintura.

Orientador: Prof. Dr. Julio Ferreira
Sekiguchi.

Rio de Janeiro
2023

CIP - Catalogação na Publicação

A596a Affonso Simonaci, Alice
Autobiografia fragmentada / Alice Affonso
Simonaci. -- Rio de Janeiro, 2023.
55 f.

Orientador: Julio Ferreira Sekiguchi.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Pintura, 2023.

1. Pintura. 2. Depressão e ansiedade. 3. Saúde
mental. 4. autobiografia. I. Ferreira Sekiguchi,
Julio, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA/ DEP. BAB

AUTOBIOGRAFIA FRAGMENTADA

ALICE AFFONSO SIMONACI

DRE 117229446

O estudante supracitado está ciente de que o Trabalho de Conclusão de Curso será publicado na Base Minerva/Sistema Phanteon da UFRJ e poderá ser integralmente publicado no site do Curso de Pintura da EBA – UFRJ. Compromete-se com a possível reformulação de seu material de apresentação conforme orientações da banca no prazo de 30 dias, visando sua posterior publicação *online*. Compromete-se também a enviar em documento separado o resumo e no mínimo três imagens dos trabalhos realizados com ficha técnica completa para seu orientador, a fim de serem divulgados *online* no site do Curso de Pintura da UFRJ. O cumprimento desses requisitos é necessário para o lançamento da nota do estudante.

Aprovada em: 19/07/2024

Prof. Dr Julio Ferreira Sekiguchi (orientador) BAB EBA UFRJ

Prof. Dr Ricardo Antônio Barbosa Pereira

Prof. Dr Álvaro Martins de Seixas Neto

AGRADECIMENTOS

Com muito respeito, gostaria de agradecer aos meus maiores apoiadores em toda essa jornada. Deus em primeiro lugar, porque me sustentou até aqui. Meus pais Aline e Paulo que também me sustentaram, apoiaram meu sonho, investiram no meu trabalho e na minha saúde e me incentivaram a prosseguir. Meus irmãos Ayla e Daniel, que me trouxeram ótimos momentos e reflexões sobre a vida e o meu futuro. Minhas avós Solange Maria e Sueli Affonso (*In Memoriam*) que sempre puxaram minha orelha nas horas certas mas também, sempre bem humoradas, me impulsionam nas minhas dificuldades. Meus padrinhos Nélida e Gicelmo que sempre trouxeram um pouco de luz nos momentos tempestuosos. A minha psicóloga, Marina que deve me acompanhar por um bom tempo ainda e tem tirado alguns nós da minha cabeça.

Não posso deixar de comentar sobre meu caro orientador Julio Sekiguchi, que foi paciente comigo e abraçou minha criatividade.

Gostaria de agradecer também a dona Arte que, da sua maneira, me encantou profundamente de modo que não gostaria de me apartar dela mesmo que eu fosse capaz de tal renúncia.

CATÁLOGO DE IMAGENS

Figura 1. Sem título. Nanquim sobre papel. 14,8 x 21 cm. 2023. Fonte: Autora.

Figura 2. Sem título. Pintura digital. 2022. Fonte: Autora.

Figura 3. Sem título. Pintura digital. 2022. Fonte: Autora.

Figura 4. Sem título. Acrílica sobre papel. 14,8 x 21 cm. 2020. Fonte: Autora.

Figura 5. Coisas da Ansiedade. Acrílica sobre papel. 14,8 x 21 cm. 2021 Fonte: Autora.

Figura 6. Desmaio. Guache sobre papel. 19,1 x 19,1 cm. 2021. Fonte: Autora.

Figura 7. Sem título. Técnica mista sobre papel. 30 x 30 cm. 2021. Fonte: Autora.

Figura 8. Sem título. Técnica mista sobre papel. 40 x 40 cm. 2021. Fonte: Autora.

Figura 9. Sem título. Técnica mista sobre madeira. 60 x 80 cm. 2019. Fonte: Autora.

Figura 10. Crise. Série: Depressão, Tratamento e Alta. Técnica mista sobre papel sobre estrutura de madeira. 2021. Fonte: Autora

Figura 11. Crise. Série: Depressão, Tratamento e Alta. Técnica mista sobre papel sobre estrutura de madeira. 2021. Fonte: Autora

Figura 12. Tratamento. Série: Depressão, Tratamento e Alta. Técnica mista sobre papel sobre estrutura de madeira. 2021. Fonte: Autora

Figura 13. Tratamento. Série: Depressão, Tratamento e Alta. Técnica mista sobre papel sobre estrutura de madeira. 2021. Fonte: Autora

Figura 14. Alta. Série: Depressão, Tratamento e Alta. Técnica mista sobre papel sobre estrutura de madeira. 2021. Fonte: Autora

Figura 15. Alta. Série: Depressão, Tratamento e Alta. Técnica mista sobre papel sobre estrutura de madeira. 2021. Fonte: Autora

Figura 16. *Infinity Mirror Room*. Sala espelhada. Yayoi Kusama. 2021. Fonte: Pinterest. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/659003357997625499/>>. Acesso em: 09/12/2023

Figura 17. Grande Núcleo. Hélio Oiticica. 1960. Fonte: Pinterest. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/559431584968264981/>>. Acesso em: 09/12/2023

Figura 18. “E minha alma partiu-se”. Acrílica e vidro quebrado sobre tela. Fernanda Pontes. 2019. Fonte: Fernanda Pontes.

Figura 19. Documentação da execução de “Persona Fragmentada”. 2023. Fonte: Autora.

Figura 20. Maquete de Persona Fragmentada. 2023. Fonte: Autora

Figura 21. Maquete de Persona Fragmentada. 2023. Fonte: Autora

Figura 22. Maquete de Persona Fragmentada. 2023. Fonte: Autora

SUMÁRIO

1. RESUMO	7
2. INTRODUÇÃO	8
3. AUTOBIOGRAFIA E REFLEXÃO	9
4. IDENTIFICANDO A FRAGMENTAÇÃO	11
5. DA EMOÇÃO À FRAGMENTAÇÃO	28
6. CONSTRUÇÃO FRAGMENTADA	31
BIBLIOGRAFIA	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
ANEXO	35

Resumo: Este é um trabalho representativo e autobiográfico, que comenta sobre um sintoma pessoal que o artista chama de “fragmentação” contida na sua convivência com a depressão e ansiedade alheia e a própria. A pesquisa também mostra a trajetória e o desenvolvimento do assunto na poética da artista, comentando como ela transformou seus sintomas cotidianos em pinturas de técnicas variadas. Fala de como essas técnicas têm importância para a obra comentando os processos de pintura e seus significados. Nos textos e imagens, intenciona explicar o que significa essa fragmentação e como ela se manifesta, além de exibir ao público uma interpretação imagética dessa ideia disforme.

Palavras Chave: Pintura; Autobiografia; Depressão e ansiedade; Saúde mental;

INTRODUÇÃO

“Conhece a ti mesmo” – Templo de Apolo

Se for com lágrimas nos olhos que vou redigir a introdução, ela também é válida. Apenas corrobora com a necessidade do texto que é sobre um processo de autoconhecimento consideravelmente doloroso, como a forja de uma espada que não consegue ser amolada o suficiente para o mundo externo.

Quero apresentar-lhes um caos que conheço muito bem. Uma sensação que não espero encontrar somente em mim, e que já foi reconhecida como depressão e ansiedade, mais tarde como transtorno bipolar, que parece estar mais integrado a minha personalidade. Reações tão disfuncionais que vem se tornando destrutivas ao longo do tempo. Não vamos falar de remédios, nem de tratamentos. Não vamos comentar sobre onde a depressão acaba e onde começa a ansiedade a falar. Muito menos serei capaz de revelar na arte a devida dimensão que isso toma na mente humana, mas pretendo mostrar o quanto se conhecer pode ser difícil. O quanto representar na arte algo tão íntimo pode ser uma auto-exposição nada agradável e o quanto se expor pode ser necessário para que a arte ganhe algum sentido pessoal.

Os espelhos fragmentados demoraram a surgir como ideia. Decidir ver-me fisicamente como me vejo nos meus pensamentos passou a fazer muito sentido. Espero que outras pessoas consigam ver algo semelhante dos próprios pensamentos, mas ainda mais desejo que me vejam. É um esforço descomunal para me fazer compreendida naquilo que nunca soube expressar corretamente nem na terapia e nem com os mais íntimos que me desfaço pensando que pelo bem de todos e depois não sei como me refazer, e por isso me sinto cada vez mais desfragmentada e menos conexa comigo. Como a pintura não depende somente da tinta ou do papel, nem da tela ou do pincel: Espelhos.

AUTOBIOGRAFIA E REFLEXÃO

Encontrei a necessidade de transformar meus trabalhos nesse projeto autobiográfico porque não vi sentido em explorar um assunto tão pessoal com impessoalidade. Me colocar alheia de um transtorno que eu carrego há anos, conhecendo bem os altos e baixos, parecia errado. Seria um ato de negligência agir como se não o tivesse. Como disfarçar em mim aquilo que digo que os outros precisam ver e levar a sério. Comentar sobre mim não me parecia suficiente, falar somente sobre depressão ou ansiedade nos outros, também não. Então lembrei-me da fragmentação. Uma sensação pessoal e antiga que vai ser explicada ao longo deste trabalho.

Observei obras autobiográficas. A Frida Kahlo pinta sobre suas dores e frustrações como uma documentação, é quase como quem escreve um diário. Meu diário é composto por intenções estranhas que revelam pensamentos de dor ou não. Mas todos os meus pensamentos de auto polimento, para que eu não fuja da pessoa que inventei durante meu crescimento, não são expressados. Não expurgo tudo na arte, mas a dor é algo que coloco sobre o papel no intuito de acalmar minimamente numa intenção distante de realização e não somente de expressão do sofrimento. Cada vez que faço uma imagem nova procuro uma nova expressão da minha percepção incontinente e, por vezes, impulsiva. Mesmo assim, tendo a repetir formas, corpos mutilados, abertos, corações expostos.

No cotidiano, o artista tende a encontrar sua obsessão e expressá-la na arte, tal impulso pode ser positivo ou negativo, mas sempre tem seus frutos. Claude Monet pinta a Catedral de Ruão mais de 30 vezes e, sobre isso diz: *“Estou cada vez mais obcecado pela necessidade de mostrar o que sinto ou vivencio.”* Encontrei algumas dessas obsessões no meu caminho. Minhas fases artísticas comentam ligeiramente o quanto tive interesses específicos fortes. Minha tendência até hoje é desenhar figuras femininas ou humanas, uma após a outra. Além do período que desenhava constantemente nos cantos do caderno e de quando fiquei fissurada por olhos humanos. Centenas de desenhos, esboços, estudos. Horas e horas utilizadas freneticamente na intensidade do desejo de desenhar, de criar e expressar aquilo que eu não tinha, mas agora também me pertencia no traço sobre o caderno. O próprio ato de desenhar é como uma obsessão, possível que já tenha se tornado uma parte de mim, eu preencho um caderno após o outro e o próximo, além das folhas soltas, dos estudos digitais, meu momento de expressão, de foco, dor ou relaxamento, mas sempre no lápis e no papel. Mas os desenhos se tornam parte da minha biografia e não costumam ser autobiográficos, são interesses em expressar o belo, aprender uma técnica que não tinha testado, evoluir na leitura das formas, luz, sombra, cor... Todas essas coisas fazem parte do meu

dia a dia, mas a autobiografia é mais do que mostrar meu *sketchbook*, é como abrir a minha mente e escrever com imagem meus conflitos internos, minhas paixões, minhas falhas ou minhas conquistas, principalmente as que são processadas compulsivamente na minha mente todos os dias, todas as semanas, meses ou até anos. No momento, tenho procurado maneiras diferentes de comunicar sobre ter dores mentais que parecem incorrigíveis e que são deteriorantes. “O Homem cria, não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque precisa.” (OSTROWER, 2014)

Na arte, é possível encontrar refúgio, identificação, protestos e reflexões que podem ser complexos de serem decodificados. “Desvelar memórias implica revirá-las e reavivá-las, provocar reencontros de ausências, instigar o imaginário, os sonhos, o inconsciente.” A ponto de fragmentar sua autocompreensão e perder um conjunto primário de intenções devido a magnitude das transições, alterando o curso de suas vidas, mudando as direções, comprimindo e expandindo como um coração que pulsa, tantas vezes, desordenadamente, agora regula e revela a arte como ponte reguladora (no sentido daquilo capaz de pôr em ordem) do interior, ajustando os pensamentos. Produções podem demorar meses para serem concluídas, pensamentos podem demorar anos para amadurecerem, e sociedades podem demorar décadas para se movimentar e progredir. Pode alterar o seu significado para o leitor que conseguiu encontrar uma nova interpretação e o autor pode não conseguir transmitir no seu trabalho, com exatidão, o significado almejado, assim como na linguagem convencional. Mesmo assim, tentamos. Preferimos alguma alteração com muito esforço do que nenhuma alteração. O artista precisa dizer. Todos precisam.

“O sentido fundamental da arte é ampliar o viver e torná-lo mais intenso, nunca diminuir ou esvaziá-lo. Por isso, as obras de arte nos enriquecem: elas nos permitem reestruturar a experiência em níveis de consciência sempre mais elevados, tornando-se nossa compreensão mais abrangente de novas complexidades e intensificando-se, assim, o sentimento de vida”
-Fayga Ostrower - Acasos e criação artística
pág. 50

IDENTIFICANDO A FRAGMENTAÇÃO

“A fragmentação ocorre quando arquivos do disco rígido são constantemente modificados, fazendo com que eles sejam armazenados em ‘pedaços’ (fragmentos).”

UDESC

<<https://www.ceavi.udesc.br> > desfragmentacao>

Dessa ideia de fragmentação, trago minha ideia de personalidade fragmentada, uma identidade perdida, concebida no meio de vários pontos de informações que não consegue condensar facilmente.

Durante toda a minha pesquisa estive disposta a falar sobre depressão e ansiedade. No início eu queria tratar sobre isso na primeira pessoa. Queria que a pessoa pudesse se colocar na tela de alguma forma, fiz alguns trabalhos nesse formato em 2021 onde tinha crises constantes de ansiedade e precisava comentar sobre isso. Meus trabalhos estavam impregnados com esse drama. Minhas ilustrações eram pedidos de socorro ou expressões de dores que pareciam incuráveis. Dores profundas que não tinham nada além do meu esforço pessoal para tentar curá-las. Nas ilustrações, eu chorava.



Imagem 1

As imagens mostravam o quanto de dor eu era capaz de sentir, eu já representava o que não conseguia dizer de maneira alguma. Não sabia pedir ajuda, achava que deveria esperar a minha vez de ser socorrida, como quem espera na fila de um hospital lotado. Como se minha família tivesse outras prioridades, aguardei pacientemente enquanto me desfazia aos poucos num eu confuso e muitas vezes furioso. Gerava ilustrações de despedida, de tentativa de fuga.



Imagem 2

As pinturas digitais e as ilustrações fazem parte dessa trajetória. Nesta, sem título, não quis representar lágrimas repetidas, não quis ser óbvia. As roupas de frio repelem a sensação de calor do compartilhar de emoções, refletem a sensação de distanciamento emocional e de estar presente. O olhar vazio, que não pensa em nada, mas pensa em tudo ao mesmo tempo, ao mesmo tempo que as letras ao fundo são textos como “Eu gostaria de ir embora” e “Eu deveria ir”. Elas estão em formato de cascata, para lembrar a chuva. Um foco de luz, e uma roupa que faz ela lembrar um detetive, eu a disfarço da despedida a um personagem de Matrix, ou um detetive e faço com que a dor se disfarce junto do desejo intenso de partir.

Então, surge num gigante colossal, uma dor montanhosa. Uma montanha aquática, enorme. Ela transpassa as nuvens, uma gigante queda d’água, uma das maiores forças da natureza suportando o peso de si mesma. Uma imagem fantasiosa, que traz a figura feminina, a dor da alma, o peso da água e sua

força. Os cabelos como uma cascata, as mãos como gelo, os olhos que parecem derreter, brancos procuram refúgio do alto, como um corpo que se joga para trás para enxergar o céu e pedir por alguma ajuda ao divino, ao infinito, ao espaço, refúgio de fé.



Imagem 3

Então os textos surgem aos poucos. Escrevo minhas dores em diários digitais, documentos no computador, para expressar o quanto essas coisas me incomodam.

Afundo no meu quarto mais uma vez, não me lembro nem do cheiro da alegria, me chateio por sair mais uma vez sem conseguir me alegrar. Eles se esforçam para falar comigo, se aproximar, trazer algum tipo de conforto, nada sinto. Continuo triste. Um sorvete, um almoço, uma visita familiar, mas as dores continuam, é interno, parece infinito. Mais um passeio, mais um almoço, um culto, mas uma ida ao shopping, comprei mais material de desenho, ganhei um

caderno. Presentes não me tiram do lugar, demonstrações de afeto só fazem eu me sentir mais afastada da realidade, sou incapaz de sorrir de volta.

Mais uma volta da rua, dessa vez sozinha, por quê estou chorando? No trem? Não é possível. Escondo meu rosto nos braços, debruçada na janela, não consigo parar de chorar, não quero mais passar por isso, quero ser como as outras pessoas. Quero me parecer com elas, quero brincar como elas, quero me divertir, acreditar, viver, sonhar, mas nada disso tenho por perto, todas essas coisas me foram tiradas aos poucos, acredito que por mim mesma. Minha âni^{ma} continua entorpecida. Sinto falta dos meus dias de esperança, dias onde eu era reconhecida por sorrir, por brincar, por trazer um ponto positivo à conversa.

Volto-me à ilustração, à pintura.



Imagem 4

Como exemplo na pintura “Coisas da Ansiedade” onde fiz uma descrição poética de sintomas e subterfúgios que eu utilizava para aliviar esses sintomas. Nele eu mostrei algumas coisas como o copo de água, a caneca de café pra me manter acordada, os tremores nas mãos que aconteciam por vezes quando estava ansiosa ou com fome, a tela de celular representada com vários tópicos abertos, as gotas de florais (um tratamento fitoterápico para ansiedade sem muito embasamento científico e que não precisava de receita médica), os fones de ouvido, que ainda são meus companheiros, me ajudam a evitar o excesso de sons externos e a manter o foco em seja lá o que eu estiver fazendo evitando que eu entre em pânico mais rápido (mesmo que eu vá acabar entrando em pânico em algum momento, pelo menos retarda), a maquiagem bem no cantinho que me ajudava a me arrumar pros lugares, tinha efeito terapêutico, eu teria desistido de sair muitas vezes se não tivesse me distraído antes com a maquiagem e uma boa música. Também foi o início da colocação da fragmentação nos trabalhos, onde passei a inserir quadriláteros e diferentes texturas para trazer mais riqueza pictórica com aguadas de acrílico, texturizações com a espátula e camada sobre camada. As cores também foram escolhidas para deixar a tela com uma aparência densa, como se o ambiente fosse pesado em azul, que é uma cor que uso me lembrando da fase azul de Picasso. Assim o meu trabalho autobiográfico começou a tomar forma, comentando sobre minhas dores num tempo tão complicado.



Imagem 5

Ainda na leitura de primeira pessoa fiz a pintura “desmaio” (2021) comentei sobre outro sintoma que tive muitas vezes. Em alguns momentos do dia, com picos de ansiedade ou não, eu perdia o controle do corpo e caía. Era como se meu corpo inteiro fosse desligado, eu não perdia a consciência, mas não podia falar, não podia me mover e não tinha forças pra levantar. Como isso se parecia com a minha sensação interna, de não poder agir diante das situações que vivia, como se eu estivesse presa e imóvel na minha própria existência. Isso me deixou com medo de sair sozinha muitas vezes. Nesta pintura eu quis mostrar como me sentia no desmaio. Decidi posicionar minha mãe em primeiro plano, em segundo plano meus irmãos e meu pai. Eles sempre me socorriam nessas crises. Mas também não queria que a pintura fosse clara, então não os retratei com rostos específicos, mas coloquei detalhes que me lembrassem deles. Minha mãe tem cabelo comprido e usa óculos, minha irmã tem o cabelo longo e cacheado, apenas silhuetas e marcações, tons de azul variados, com verdes e violetas misturados.



Imagem 6

Comecei a introduzir a fragmentação no recorte do papel. A colagem da imagem, as ausências já começam a se manifestar na obra. A inclinação da imagem para trazer um pouco da vertigem, as texturas mostram que ele está se afundando para espaços mais densos. É como se o personagem na figura estivesse caminhando para um local mais profundo, sendo puxado por pequenas mãos representadas no papel. O cabelo dele se mistura com o fundo, seus pensamentos estariam totalmente misturados com a ambientação adoentada. Usei pó de giz, para a textura de pedrinhas saindo do corpo do personagem que se desfaz na paisagem. Pano de saco para gerar a textura do fundo e papel picado para algumas fragmentações internas.



Imagem 7

Eu estava experimentando colagens, repito a força da fragmentação na imagem com mais colagens e recortes, num trabalho maior. Um personagem no fundo da água, coberto por mãos que o puxam o forçando a manter um de seus olhos abertos. Nos tons de azul, puxando ainda uma tristeza e o que vemos como cor da água.



Imagem 8

Depois voltei ao trabalho figurativo. Também utilizei muitas vezes do auto retrato, mas ainda não era intencional a autobiografia, eu fazia apenas parte do grupo contido na arte e não era, necessariamente, o foco dele.



Imagem 9

Continuei assim então e, no curso de pintura 3 decidi fazer com que também a estrutura da tela tivesse algum significado com o meu trabalho "depressão, tratamento e alta" que se tratava de dípticos sobrepostos que traziam o que seria o externo e aquilo que se passava no interior, mostrando as distorções que a mente pode fazer da realidade quando tomada pela depressão. Este trabalho foi criado em três etapas. Diferente de todos os que já havia feito até

então, meu esforço foi para trazer significado para cada peça da obra. Na sua estrutura tinha que haver algum significado. Nos recortes eu queria mostrar o quanto já estava começando a perceber a fragmentação. O recorte inferior comenta sobre separar de si mesmo, se afastar do eu por um momento, pela confusão constante em se estranhar como indivíduo. O recorte retangular na lateral de cada uma das imagens (a última não contém o recorte na lateral) é um espaço de fuga que indica a leitura da imagem abaixo, para que seja vista também de “dentro” da pintura sobreposta. Na última pintura da série não há este recorte mostrando que durante o período da alta a depressão está “adormecida”, mas não ausente. Era importante comentar todos esses processos que eu tinha esperança de passar em algum momento. Falar de alta era necessário, pois depressão não tem cura nos dias de hoje.

A primeira etapa: Crise. (técnica mista sobre papel)

Nela eu comentei, com tons azuis e violetas na tela de frente e tons amarelos e verdes na parte inferior usando técnica mista, a diferença entre a leitura da realidade externa e a distorção da mente depressiva ao enxergar esse mundo. O quanto a mente pode ler com densidade, pesar e de forma obscura algo tão comum e cotidiano como uma “pausa pro café”.



Imagem 10



Imagem 11

A segunda etapa: Tratamento. (Guache e acrílica sobre papel)

Nesse ponto, utilizei tons de laranja na tela de fundo e uma personagem de apoio que observa o pôr do Sol mostrando que o tratamento pode trazer e reforçar os momentos de lucidez, onde a crise vem com menor frequência e o estado entristecido e sem energia não é tão constante. Era importante que essa imagem ficasse ao fundo, pois o tratamento é um processo demorado e gradativo. Coloquei um ponto de fuga na imagem da frente, utilizando o roxo como cor principal, a personagem de costas insinua que existe um caminho a ser trilhado.



Imagem 12

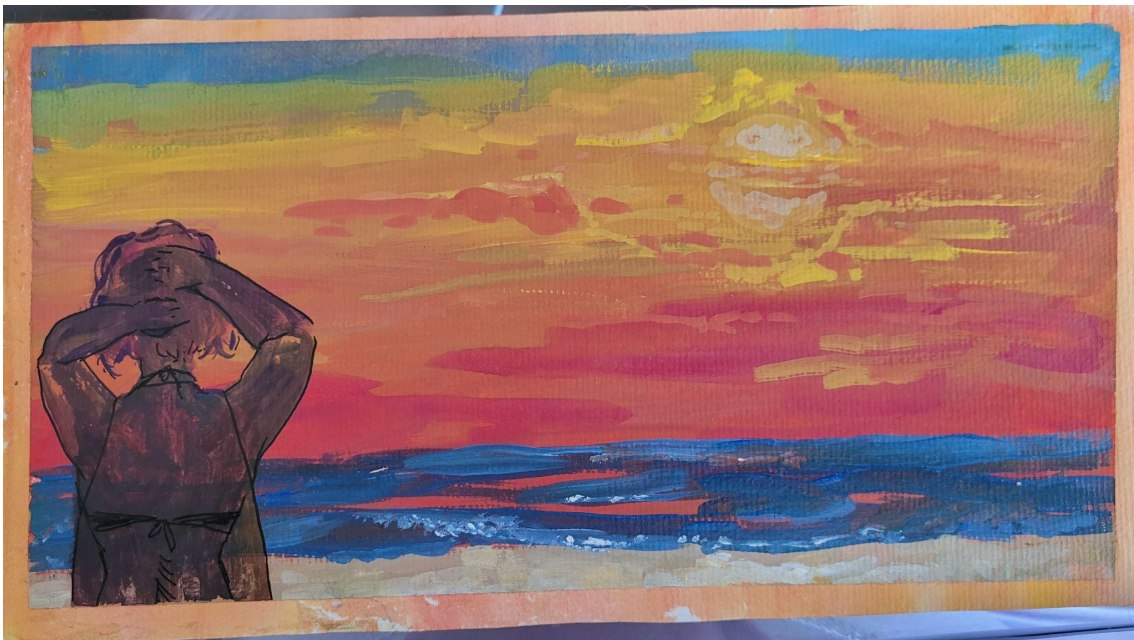


Imagem 13

A terceira etapa: Alta. (Guache e acrílica sobre papel)

A terceira etapa se chama “alta” pois a depressão é um transtorno sem cura estabelecida. Por isso, a imagem inferior remete ao transtorno “adormecido” e

a imagem superior ainda se utiliza da fragmentação e do conforto da água, pois a depressão ainda existe, mas o pensamento não está focado nisso.



Imagem 14

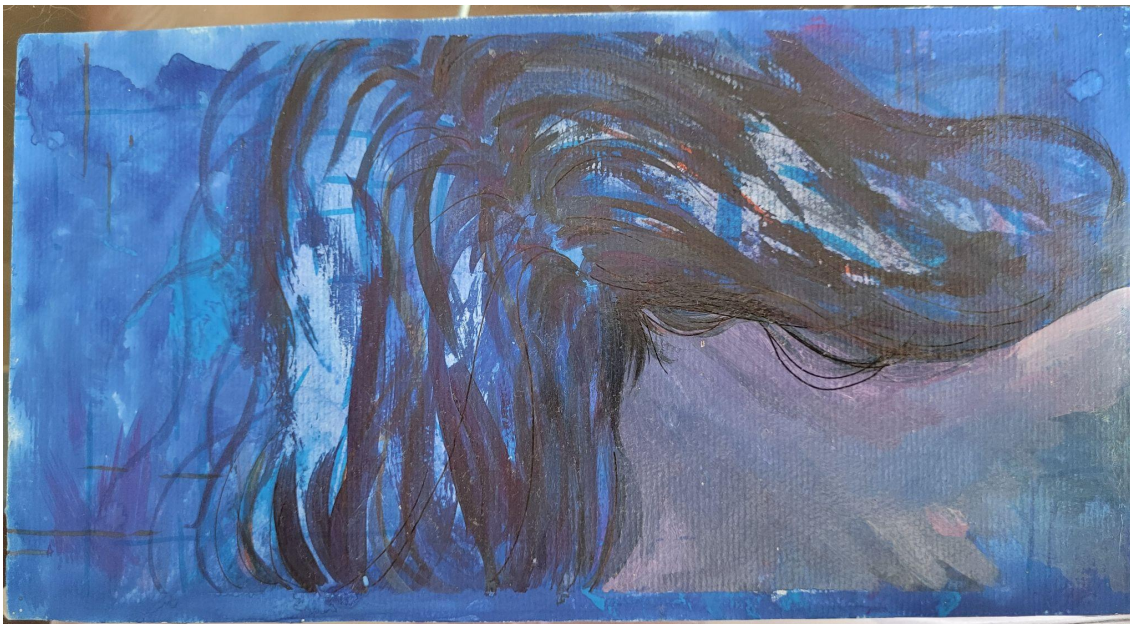


Imagem 15

Falar sobre algo tão pessoal e comum a outras pessoas é algo que importa pra mim. Se moldar a sociedade e as suas exigências, se trocar pelo processo social para ser bem sucedido, evitar a rejeição, ter algum espaço. Expressar esse peso na arte é fundamental quando é algo tão comum na humanidade desde que andamos em sociedade.

“Freud frisa sobretudo a capacidade que a arte teria de conciliar o homem, que sacrifica seus desejos em prol da civilização, com a cultura, reforçando assim seus laços de pertencimento”. (RIVERA, Tânia 2005: p.17) - Arte e psicanálise)

Então comecei a estudar sobre o trabalho da Yayoi Kusama, com os espelhos infinitos e aprendi logo que seu trabalho, além de ser autobiográfico, comentava sobre um transtorno mental, no caso ela, além da depressão, sofria de esquizofrenia. Ela teve outros assuntos, com certeza, como sua diferença social por ser japonesa vivendo nos Estados Unidos, mas esses não cabem tanto por aqui. O que importa é que o trabalho "*Infinity mirror room*" me inspirou com toda a sua intensidade para falar o que eu realmente gostaria no meu trabalho artístico sem as minhas, até então, "prisões" no figurativo.

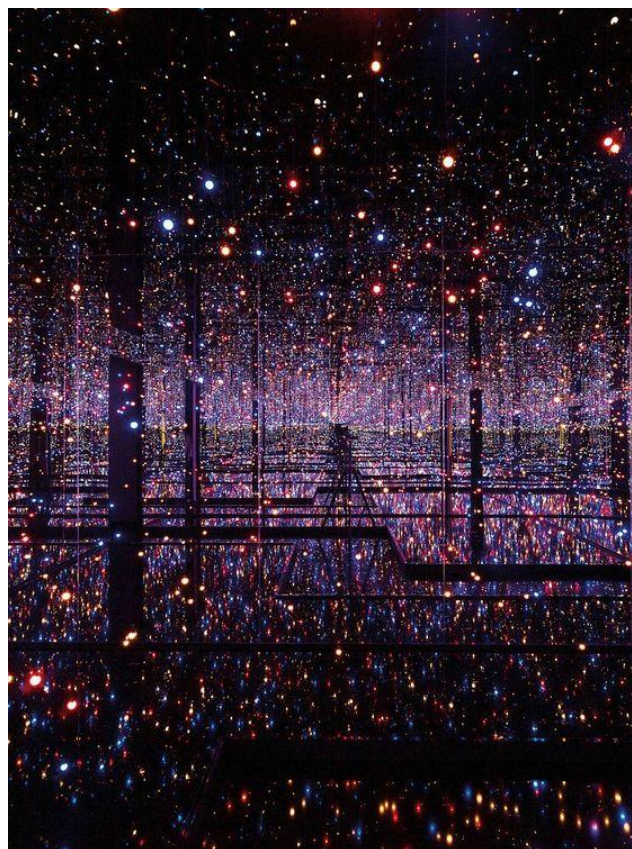


Imagem 16

Além dela, o trabalho do Hélio Oiticica “grande núcleo” serviu de inspiração para o tipo de arte. Eu que apenas trabalhei em telas e papéis por um tempo, me vi na intenção de criar algo tridimensional que pudesse chamar a atenção das pessoas. Uma obra que seria interativa com o observador que se misturasse ao ambiente de alguma forma. A memória do tamanho seria um pontapé inicial para que os espelhos começassem a surgir como solução dessa narrativa fragmentada. Uma imersão, finalmente.



Imagem 17

Também me encontrei admirando a pesquisa de Nise da Silveira. Uma psiquiatra, exemplar, excepcional que me trouxe também a inspiração para usar a “loucura” como assunto. O que há de diferente em mim também é o que me constrói, me torna em quem eu sou. Sou diferente de muitos, mas não de todos. Encontrei voz observando as obras dos pacientes dela. Eles podiam falar sem palavras, encontrei um texto enorme, desta forma. Poderia dizer uma infinidade de palavras sem uma única letra. Quantos espelhos seriam necessários para que eu pudesse expressar tal? Descobri logo que não muitos. O importante era trazer ao público a ausência e as falhas que eu encontrava em mim mesma. Nesse ponto, começa a surgir uma nova etapa na minha expressão, algo que eu jamais havia cogitado.

“Aprendi muito com os loucos, e isso vem atraparalhar um pouco o conceito de razão. Fala-se na fonte da sabedoria e na fonte da loucura, mas elas não são duas. Não há fontes separadas, está tudo muito próximo. De vez em quando uma pessoa ajuizadíssima comete um ato de loucura que, felizmente, diz muito a ela própria sobre sua forma de viver.”

Eu já me utilizei de vários processos complicados, usando textos escondidos em ilustrações, colando cartas suicidas em telas, desenhei o choro deprimente de tantas maneiras quantas pude me lembrar, associei diferenças de propriedades de tintas na mesma tela pra mostrar como é se sentir distante da realidade, alternando em tons quentes e frios para intensificar ainda mais essas diferenças, mas no TCC eu tive o interesse em algo que nunca havia feito. Sem o interesse em manter as mesmas características anteriores, primeiro pensei então em colocar espelhos na tela, inspirada no trabalho da Fernanda Pontes (colega de turma, artista e amiga), e recortá-los como fiz em algumas experimentações anteriores, mesmo assim achei que a estrutura ainda estava frágil para a intensidade que gostaria de trazer no projeto. Por isso optei pelo projeto com apenas espelhos. Eles fariam um grande favor pra mim.

“Em suma, o artista a uma espécie de autoliberação, e através de sua obra ele a partilha com outros indivíduos que sofrem com a mesma restrição inevitável a seus desejos”

(Rivera, Tânia - Arte e psicanálise)



Imagem 18

DA EMOÇÃO A FRAGMENTAÇÃO

Quando eu seleciono os espelhos eu procuro construir empatia. O espelho me dá a oportunidade de pintar sem precisar pegar num pincel e, agora, não tenho a mim representada como uma figura melancólica digna de pena, mas tenho o espectador participante do projeto que, numa tela lisa vai se ver narcísico, mas na tela fragmentada vai ter sua visão sobre si distorcida e confundida. Essa tela nunca se repete, é impossível ver a mesma coisa nessa obra. Ninguém pode ver o que o outro vê, ele nunca vai ser o mesmo. É um repertório infinito de imagens.

No planejamento, quero incomodá-los, não para que sintam-se como eu, mas para que viem seus olhos para essa realidade. Quero que seja percebida essa realidade estranha, muitas vezes vista como uma frescura, mal compreendida e oprimida. É uma dor considerável, desfigura a realidade de tal forma que a mente passa a desejar a autodestruição e, em muitos casos, planeja. Mas não é da autodestruição que falamos e sim de como essa auto interpretação equivocada pode ser expressa. É como correr atrás de se explicar mais uma vez perante a sociedade, mesmo assim não há interesse em pedir desculpas. Pedir desculpas por coisas das quais não tenho culpa já é um hábito terrível que desenvolvi.

É terrível se sentir culpado por não conseguir levantar, ou por se atrasar por ter sentido como se seu coração fosse sair pela boca. É exaustivo sair com os amigos para um passeio e não conseguir se sentir bem, mesmo fazendo algo legal, mesmo que seja um grupo que te agrada. Não conseguir retribuir o carinho muitas vezes por não ter energia o suficiente para dar um bom dia mais adequado... é doloroso e vai te corroendo por dentro, “um abismo puxa o outro” e você se vê num declínio que pode não ter volta. Nesses momentos de declínio, eu escrevo:

Hoje é um daqueles dias dos quais eu peço para encontrar você. Não sei quem você é, achei que fosse uma terceira pessoa, uma coisa, um cheiro, um lugar... Qual sentido encontrei nessas coisas? Seria você o divino, uma peça desconhecida, uma lágrima perdida ou uma dor descontrolada? Seria você uma ideia, um pensamento, um caminho, um meio, talvez uma nova compreensão? Onde estaria? Por que sumiria? Se é que existiria este você.

Talvez você seja eu. Mas se você sou eu, como eu pude perder? Como pude enlutar-me tão profundamente de mim mesma? Como pude passar por essa dor tão tempestuosa sem nem ao menos compreender o que isso seria? Eu me descartei também? Me deixei em algum lugar e esqueci o endereço? Me desfiz no meu próprio caos, me fragmentei e "espaguetifiquei" como se fosse eu o buraco negro que devora o eu que de forma alguma consegue se desvincular do horizonte de eventos?

Onde foi parar a força que me movia? Onde foi parar a energia que eu produzia? Como foi que isso aconteceu? A ponto de confundir-me com meu âmagô, intruso do meu próprio

espaço. Rasgaria ou cederia? Seria ou falharia? Como se fosse necessário me reconquistar e dominar meu território interno. Não existia uma escritura desse terreno, ninguém jamais caminhou por ele, nem eu. Sou capaz de ver-me no espelho, mas no interior, estou no escuro. Então retorno ao meu ponto de partida. Pois se não posso ver de verdade, nem ao menos a ideia, não sei o que estou procurando, mesmo assim, continuo procurando.

E hoje se torna mais um daqueles dias dos quais eu peço pra encontrar você.

Essa busca constante desse complemento está em todas as minhas atitudes. Não somente sobre depressão e ansiedade, mas também sobre auto descoberta. Demanda energia para se compreender, e entender os outros pode soar ainda mais complicado. São horas e mais horas de leitura, de vídeos e mais vídeos de psicólogos e neurocientistas para conseguir entender tão pouco. Mais as vivências religiosas onde eu aprendo a viver não somente para mim mas para o bem de um grupo, para o bem da sociedade, aprendo quais seriam as posturas ideias pra ter minha própria identidade e quem eu me torno todos os dias está diretamente ligado a todos esses fatores. Neste local a fragmentação se manifesta, pois repenso meu eu a todo tempo, sem o mínimo de paciência comigo. Me faço as mesmas perguntas mais de uma vez, revejo se acredito mesmo no que digo ou não, e faço essa verificação com frequência. Mesmo assim, minha autocritica é agressiva, qualquer mínimo equívoco é suficiente para que eu questione toda e qualquer função geral. Qualquer idealização de regimento interno que eu tenha construído é rígida o suficiente para que eu não tolere certas alterações comportamentais em mim e todo e qualquer desvio dessa minha estrutura como ser pensante e de atitudes sociais faz com que tudo em mim seja automaticamente questionável. Como num castelo de cartas, toda a composição se perde no mínimo deslize.

Eu vi de perto a depressão e a ansiedade, dentro da minha família, em parentes e amigos ao mesmo tempo que vi pessoas menosprezando tal transtorno de maneira cruel. Ainda há, nos dias de hoje, uma falta de compreensão considerável entre as pessoas do assunto em si, o que atrapalha a abordar o assunto com a devida seriedade tantas vezes. Além disso, a fragmentação que eu compreendo viver hoje parece resultado de tantas facetas inventadas por uma mente constantemente ansiosa com sérios problemas de auto estima. Não são personalidades, mas são partes de mim que parecem não saber se juntar de novo e conviver em harmonia. Elas não são necessariamente contraditórias, mas são sim difíceis de ser “remontadas” já que parecem ter sido condicionadas por mim mesma por anos, num processo de auto adestramento que opina duramente em como devo agir no meio da pessoas sem ser desagradável, sem dizer o que desejo, sem me

revelar muito, sempre me protegendo, evitando problemas e aguardando o momento em que serei pega no meu erro cotidiano que eu mal sei qual é.

Essa fragmentação tem se manifestado dessa forma em mim, mas pode ser que outras pessoas sintam-na. Talvez uma pessoa que tenha muitos afazeres, mas não se sinta completa ou uma pessoa que tem tantas partes de si escondidas que, assim como eu, nem têm certeza se todas essas partes existem. Além disso, a dor da ausência existe de tantas maneiras profundas ou rasas por motivos de transtorno ou não. Então, é uma troca. Eu mostro pra vocês o caos da minha mente com a possibilidade de vocês, pelo menos, conseguirem descobrir ou lembrar dessa fragmentação mostrando que não estão sozinhos.

Me revelo na minha obra, estranha mas igual. Me reconheço em partes no espelho, mesmo que seja a mesma coisa que sempre vi, pareço desfigurada novamente, confusa, dispersa. Ensaio mais uma vez minha própria morte e me pergunto o motivo de mais um dia. Qual a lógica disso tudo? Expressar tudo isso pra jogar todo o futuro pela janela, com um sopro, uma dose de remédios, um pouco de dor talvez.

Insuportável. Quero lembrar como era sentir o cheiro das flores antes delas perderem a graça. Quero lembrar como é estar na praia e não desejar se perder no mar nenhuma vez. Exaustivo. A palavra “exaustão” não sai do meu vocabulário em momento algum. Parece uma praga, como uma infestação de piolhos e raspar a cabeça parece a única solução. Tenho certeza que me disseram que eu poderia tomar outra atitude, mas qual seria? Me envergonharia do resultado das minhas decisões a ponto de confundir um tcc com ideias negativas? O quanto vale a pena expor? O quanto vale a pena dizer? São questionamentos que perpassam todo o projeto, que não fala de dinheiro, mas sim de algum estímulo positivo que eu possa receber após o texto.

Eu não quero terminar isso. Não quero fechar isso. É como se no final desse projeto tudo perdesse o sentido, tudo ficasse perdido, ou ainda como se fosse o fim da linha. Não desejo essa sensação pra ninguém, se alguém se identificar com esse texto, procure ajuda custe o que custar. Essa dor deve ser passageira, em algum momento devo me desvencilhar dela e me ver livre de alguma forma. Não quero finalizar isso, não quero dizer que não tenho nada a dizer, pois tenho tanto a dizer que as palavras me faltam e me confundem, me entorpece a quantidade de palavras que eu precisaria utilizar para expressar essa inconsequente maldade interna e auto flagelo. Palavras pesadas, de baixo calão, poderiam ser pronunciadas em alta voz, sem surtir nenhum efeito e nem alterar nada, por isso, me calo.

Meus textos são parte do estudo para a obra, os textos são para revelar de alguma forma o íntimo e o indiscreto.

CONSTRUÇÃO FRAGMENTADA

Para a produção, optei por utilizar um rolo de espelhos, para poder exemplificar como seria em grande escala. Então fiz uma maquete utilizando uma prancha pluma branca para a base e três pretas para as “paredes” para aumentar o contraste das falhas nos espelhos. Utilizei uma grade de metal 40x40cm no topo para prender os espelhos.

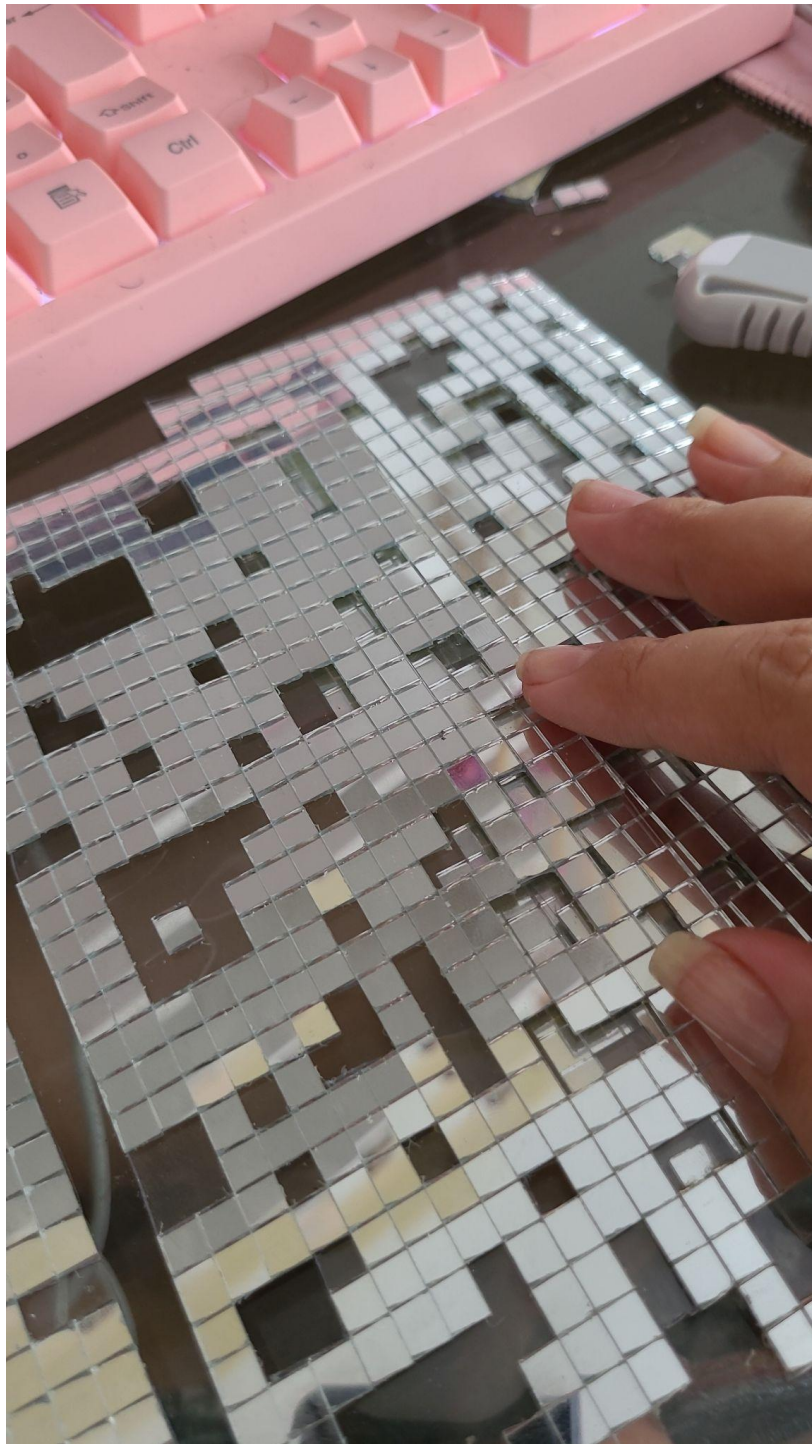


Imagem 19

Decidi criar 5 camadas sobrepostas na vertical, com distância uma da outra igual e com a mesma altura e largura. Então, recortei instintivamente algumas partes para criar as falhas, depois coleí acetato atrás do espelho para aumentar a sustentação.

A obra em tamanho real, seria feita com aproximadamente 2,10m de altura, com espelhos numa estrutura de madeira com as ausências recortadas em quadriláteros e espelhos quadrados, com cerca de 20x20cm, colados no suporte de madeira. 5 peças recortadas e coladas de formas diferentes (como no modelo em maquete), enfileiradas com base no chão e com espaço de cerca de 90cm entre elas.

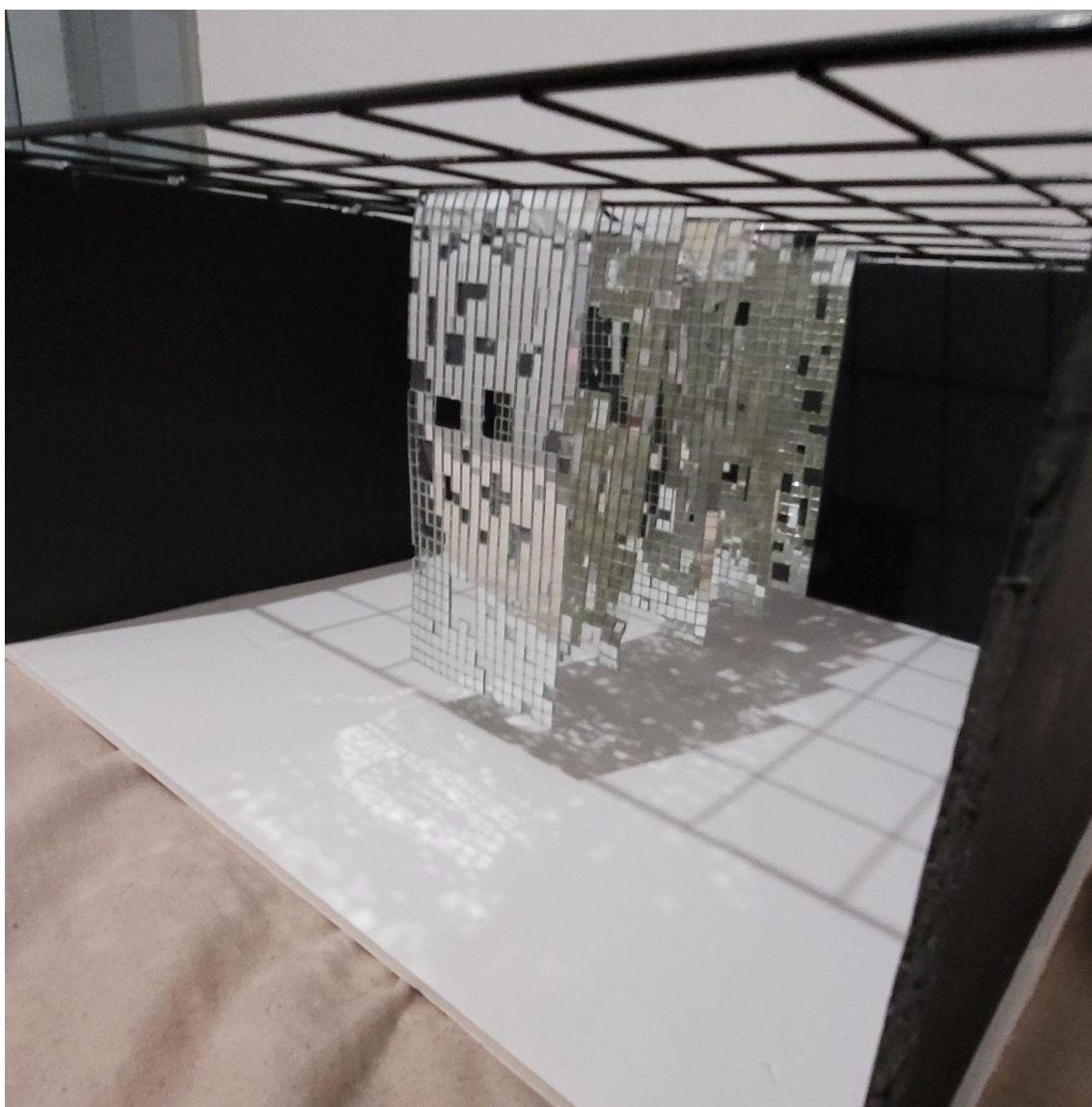


Imagem 20

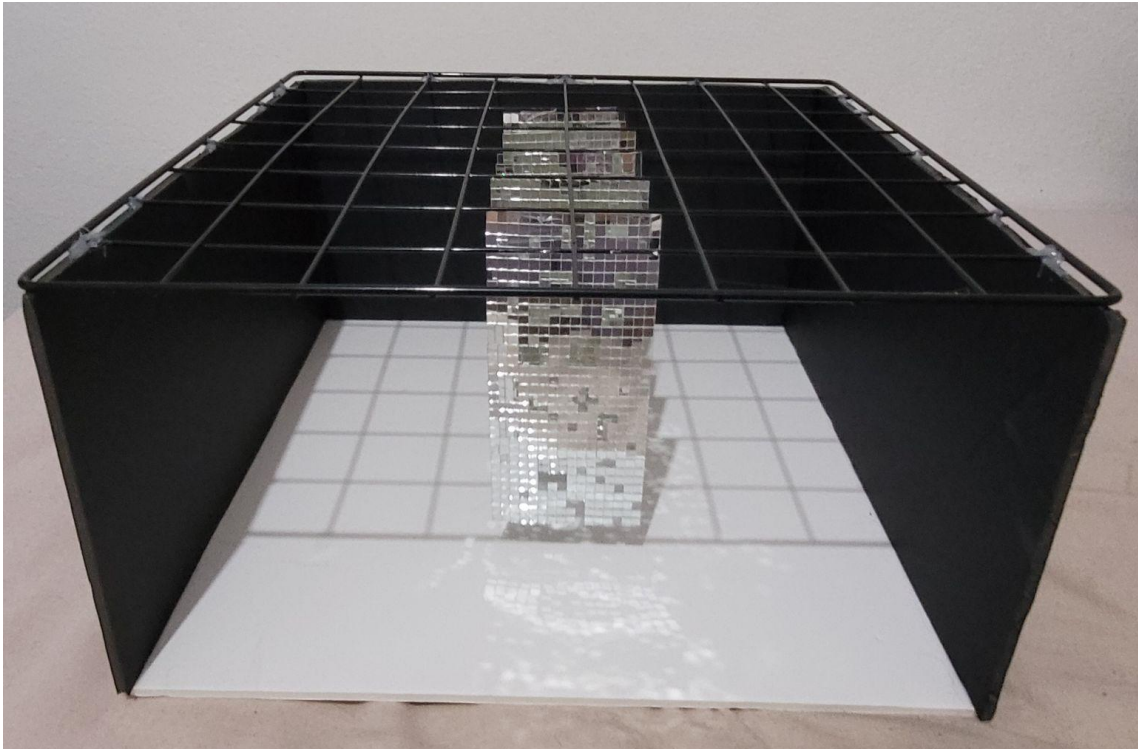


Imagem 21

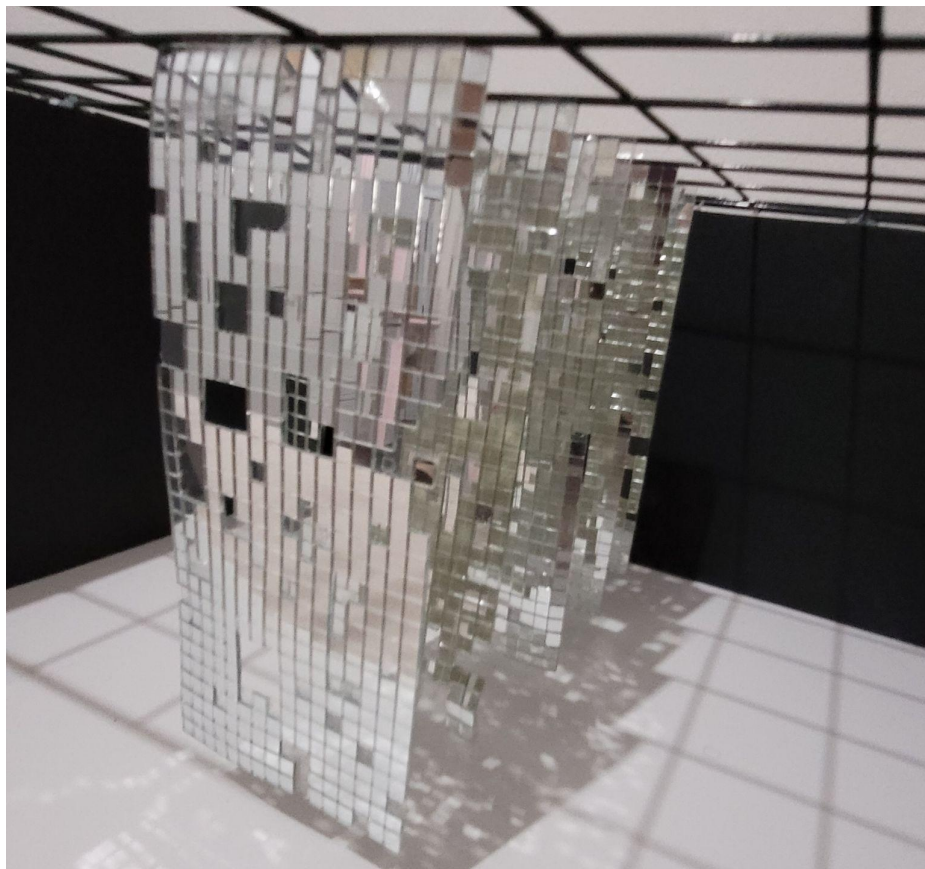


Imagem 22

A intenção da obra é que você possa caminhar também entre os espelhos, todos são fragmentados, todos vão ter espaços vazios. Em cada um dos painéis há a leitura de se ver distorcido, ausente. A obra é um espelho de corpo inteiro, o observador será parte da obra sempre que a vir. Não há como se excluir dela, é participativa e colaborativa com todos que se aproximarem, toda a audiência contribui para estas alterações mesmo que sem querer.

Finalizo esse projeto numa nudez de alma, expondo vergonhas e dores, feridas que não podem ficar escondidas, precisam cicatrizar. É uma exposição, de fato. Me expõe como pessoa e ser inconfundivelmente infeliz. Expõe o meu desejo de ser semelhante aos meus colegas e amigos, de me parecer com algum grupo, de me encaixar em algum lugar, mesmo que eu precise me desfazer em mil pedaços para me encaixar. Mostra isso. A intenção era mostrar, eu mostrei.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa abordou temas sensíveis de saúde mental com características pessoais da autora. Considera-se que exista suma importância e necessidade de comunicar e ampliar a discussão geral sobre saúde mental por meio da arte, com o devido cuidado, seriedade, sensibilidade e respeito. A fragmentação em questão foi produzida de forma poética com referências artísticas visuais e temáticas, além da construção textual baseada em textos intimistas e de autoria própria que ilustram todo o transtorno vivido pela autora, tema central desta pesquisa.

Futuramente a pesquisa pode se difundir para expressões de cunho mais abstrato em pesquisas concomitantes à psicologia para possibilitar ainda mais estruturas visuais que abordem pictoricamente de forma mais aprofundada questões do inconsciente, emocionais e psicológicas.

BIBLIOGRAFIA:

IMAGEM KUSAMA: <<https://br.pinterest.com/pin/659003357997625499/>> (ACESSO EM 09/12/2023)

IMAGEM OITICICA: <<https://br.pinterest.com/pin/559431584968264981/>> (ACESSO EM 09/12/2023)

Larratt-Smith, Philip. *Yayoi Kusama: Obsessão Infinita* / Philip Larratt-Smith, Frances Morris ; tradução Izabel Burbridge. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2013.

Nise: A revolução pelo afeto. – Rio de Janeiro: M'BARAKÁ, 2021

Ostrower, Fayga. *Criatividade e processos de criação* / Fayga Ostrower. 30. ed. - Petrópolis, Vozes, 2014.

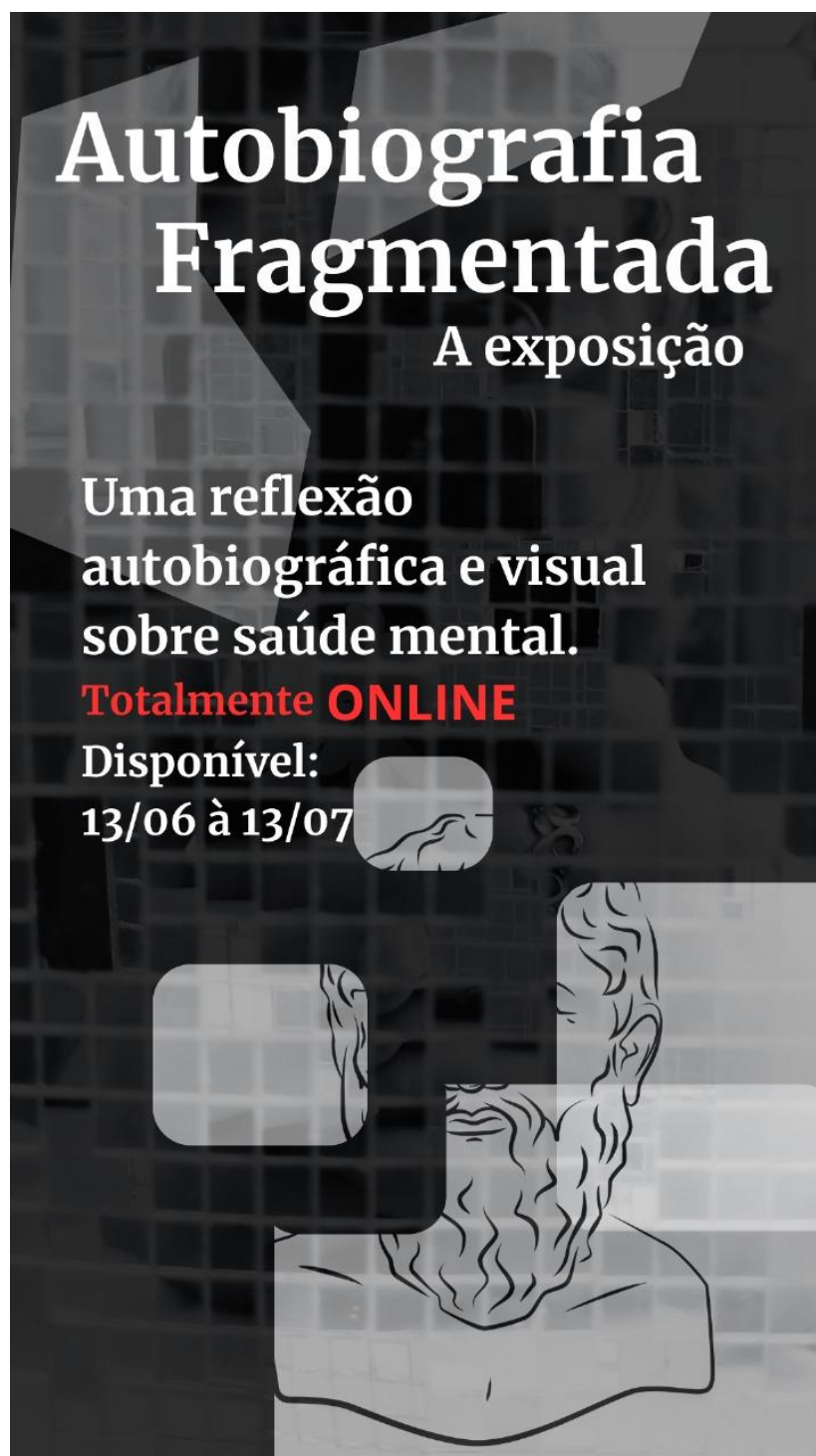
Penek, Maria Bernadette; Vaz, Rita Isabel. *Tecendo memórias e ausências: Autobiografia como matéria da arte* - Palíndromo. 2018.

UDESC. Disponível em: <<https://www.ceavi.udesc.br> > desfragmentacao> Acesso em 09/21/2023

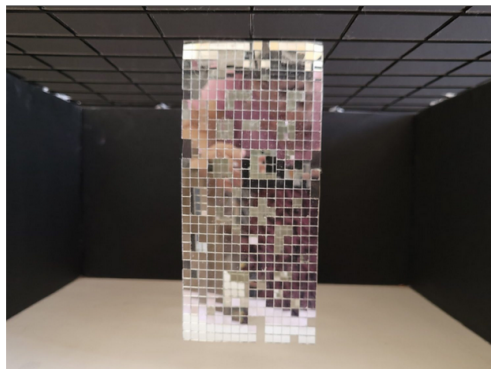
ANEXO

Exposição virtual: *Autobiografia Fragmentada*.

Disponível em: <<https://lhassathings.wordpress.com/>> Acesso: 13/06/2025



AUTOBIOGRAFIA FRAGMENTADA



AUTOBIOGRAFIA FRAGMENTADA

Sem categoria [art](#), [arte](#), [autobiografia](#), [autobiográfico](#), [intro](#), [Mental health](#), [psicologia](#), [saúde mental](#), [UFRJ](#)

Essa exposição faz parte do processo de conclusão de curso da estudante de pintura da Escola de Belas Artes, da UFRJ, Alice Affonso Simonaci. Sua pesquisa consiste em comentários autobiográficos sobre depressão e ansiedade, sintomas que a estudante precisou enfrentar durante sua trajetória para sua formação e vida cotidiana. A depressão é um transtorno grave que, de acordo com a [Organização Pan Americana de Saúde](#), afeta 300 milhões de pessoas ao redor do mundo. Ao mesmo tempo, 18,6 milhões de brasileiros são afetados pela ansiedade. Esses números reforçam a necessidade de comentar abertamente sobre esses transtornos que precisam ser amplamente debatidos publicamente para que cada vez mais pessoas tenham consciência e empatia.

Nessa pesquisa a artista não se esconde e revela seu íntimo em suas pinturas.

ESTUDOS DE PINTURA II

[Estudos de pintura 2](#) [Sem categoria](#) [art](#), [arte](#), [estudos](#), [guache sobre papel](#), [pintura](#)

Nessa pequena trilogia, aproveitei da cultura popular da arte me inspirando na fase azul de Van Gogh para trabalhar o tema depressão. Nessas pinturas eu comecei a explorar as cores como parte da temática e também foi quando comecei a ensaiar melhor meu gestual com as pinceladas. Todos os trabalhos dessa fase foram feitos com a técnica guache sobre papel de aquarela 300g.

Compartilhe isso:



Pintura azul pequena

[Estudos de pintura 2](#) [Sem categoria](#)

"Sem título"

Guache sobre papel

(adicionar tamanho e 2021)

Uma pintura do início do período da pandemia, os estudos eram feitos em casa e nossa avaliação era feita online com nosso professor Rafael Bteshe (que foi substituído do Marcelo Duprat). Naquela época estava começando a construir melhor os conceitos com a pintura, sobre seu significado, então fiz essa mão cobrindo o rosto num fundo azul numa cena de desconforto e dispersão.

Compartilhe isso:





sem título

Estudos de pintura 2, Sem categoria

Nesta pintura eu queria mostrar algumas coisas sobre a depressão, queria mostrar um pouco de confusão, um trabalho que mostrasse o artista mostrando a tristeza pro público. A pintura tem uma mão que segura um pincel disforme, que mostra uma visão um pouco turva também na forma circular no topo que representa um pote de água para dissolver a tinta. Existe um papel desenhado no fundo com pessoas em três partes, uma delas mostra uma pessoa encolhida no chão, a outra uma pessoa sentada também encolhida e a terceira uma pessoa sobre a cama em pose de petição, fazendo suas orações pra ter uma melhora em algum momento e tentar manter a mente sã. Existe a busca pela variação tonal com vários tons de azul, criando um tom central, algo que eu aprendi pesquisando as pinturas de Edward Hopper. É uma pintura com alguns elementos mas que, no geral, reforça como é complicado viver com depressão.



Desmaio

[Estudos de pintura 2](#) [Sem categoria](#)

"Desmaio"
Guache sobre papel
19,1cm x 19,1cm
(2021)

Esta pintura fala sobre um dos sintomas que mais me incomodaram nos picos de ansiedade. Eu desmaiava de maneira repentina e precisava ser socorrida. Era sempre a mesma coisa, eu perdia as forças no corpo, sem nenhum sinal anterior, sem nenhum aviso eu estava no chão desmaiada, ainda ouvia e via o que estava ao meu redor, mas não conseguia falar ou me mexer, era assustador e eu tinha medo de sair na rua por conta disso. Minha família sempre estava por perto, então eles sempre me socorreram. De uma dessas cenas eu decidi fazer essa pintura, meus irmãos e meu pai representados em segundo plano e minha mãe em primeiro. Ela sempre vinha ver como eu estava e meu pai estava sempre com minhas pernas pra cima, achando que minha pressão poderia ter caído.

Principal contraste de claro escuro e de cores complementares, um trabalho que envolveu mais também do gestual e pincéis diferentes para diferentes texturas.

ESTUDOS DE PINTURA III (Parte A)

[Estudos de pintura 3 \(Parte A\)](#) [Sem categoria](#) [informativo](#) [introdução](#) [pintura](#) [poético](#)

Dei continuidade ao que estava fazendo em pintura 2, ainda no período de pandemia e fazendo as avaliações online, o que contribuiu diretamente para que meus trabalhos fossem feitos em papel e sobre a mesa ao invés de em tela e no cavalete. Nesta etapa comecei a inserir contrastes cromáticos para trazer dramaticidade e contexto com a poética das pinturas.

Compartilhe isso:



☆ Curtir Seja o primeiro a curtir este post.



"Sem título"

Estudos de pintura 3 (Parte A) [art](#), [arte](#), [arte e saúde mental](#), [pintura](#), [saúde](#), [saúde mental](#)

"Sem título"
Acrílica e guache sobre papel.
19,8 x 17,2 cm
(2021)

Essa pintura fala sobre estar desconectado com a vida ao seu redor, sobre não se sentir parte pertencente a um grupo. Para passar essa sensação nessa tela, eu decidi usar a diferença principal, cromática e material. Utilizei dos tons quentes e da tinta acrílica pra representar um grupo entrosado, e utilizei da separação no papel, dos tons de azul frios e do pé descalço da figura para representar uma pessoa excluída do grupo. Pode se parecer com bullying também, mas a intenção é mais de uma sensação interna de não pertencimento do que uma exclusão sistemática de grupo. Muitas vezes pode-se sentir sozinho mesmo cercado de uma multidão de pessoas.



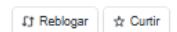
Sem Título

Estudos de pintura 3 (Parte A), Sem categoria [ansiedade](#), [art](#), [arte](#), [depressão](#), [pintura](#), [sociedade](#), [solidão](#)

Acrílica e guache sobre papel
17,5 x 16 cm
(2021)

Essa pintura fala sobre estar desconectado com a vida ao seu redor, sobre não se sentir parte pertencente a um grupo. Separada também em dois tons principais, os castanhos e o azul, onde o azul sempre representa a parte melancólica e deprimida, que se sente excluída ou separada de um grupo principal. Essa arte mostra um pouco mais da multidão. Como alguns podem estar doentes e outros não, os que estão em tons castanhos seguem sua vida normalmente, estão representados com tons mais quentes, enquanto os deprimidos representados na imagem estão em azul, em seus estados menos interativos, mais introspectivos. Nessa pintura também há um investimento maior em texturas diversificadas, respiro de fundo para enriquecer a obra visualmente.

Compartilhe isso:



Seja o primeiro a curtir este post.



Sem título

[Estudos de pintura 3 \(Parte A\)](#) [ansiedade](#), [art](#), [arte](#), [contrastes](#), [depressão](#), [isolamento social](#), [pintura](#), [sociedade](#)

Acrílica e guache sobre papel
17,5 x 16 cm
(2021)

Essa pintura fala sobre estar desconectado com a vida ao seu redor, sobre não se sentir parte pertencente a um grupo. Separada também em dois tons principais, os castanhos e o azul, onde o azul sempre representa a parte melancólica e deprimida, que se sente excluída ou separada de um grupo principal. Essa arte mostra um pouco mais da multidão. Como alguns podem estar doentes e outros não, os que estão em tons castanhos seguem sua vida normalmente, estão representados com tons mais quentes, enquanto os deprimidos representados na imagem estão em azul, em seus estados menos interativos, mais introspectivos. Nessa pintura também há um investimento maior em texturas diversificadas, respiro de fundo para enriquecer a obra visualmente.

Compartilhe isso:

🔗 18+ [Facebook](#)

ESTUDOS DE PINTURA III (Parte B)

[Estudos de pintura 3 \(Parte B\)](#) [Sem categoria](#) [arte](#), [introdução](#), [pintura](#), [poético](#)

Nestas pinturas começaram as experimentações com recortes, utilizando também o formato da tela como assunto para as pinturas. São as primeiras aparições da fragmentação nas minhas obras. A fragmentação é um sintoma que eu nomeei, algo que eu senti muitas vezes, que se trata da sensação de estar se dividindo em muitas partes para agradar as pessoas e ser quem elas querem que você seja e não quem você realmente é. Isso pode criar controvérsias consideráveis para si próprio e uma grande confusão interna onde se perde o entendimento da própria identidade. Não é a mesma coisa que despersonalização e nem múltipla personalidade pois tem mais a ver com detalhes do seu comportamento e pensamento do que com uma patologia.

Compartilhe isso:

🔗 18+ [Facebook](#)

[Reblogar](#) [Curtir](#) Seja o primeiro a curtir este post.



Sem Título

Estudos de pintura 3 (Parte B), Sem categoria: [ansiedade](#), [autobiografia](#), [depressão](#), [pintura](#), [saúde mental](#)

Técnica mista, colagem e recorte sobre papel.
21 x 16,7 cm
(2021)

Dentro do tema depressão, essa pintura é uma obra é uma experimentação, onde utilizei papéis diferentes, papel pintado com nanquim, recortes de quadrados, comentando como a depressão poderia trazer a sensação de ausências. A figura de costas distancia o personagem principal do observador, existe uma figura no canto esquerdo de uma pessoa, como quem espia o personagem principal da cena. Um auto retrato emocional, as minhas digitais estão marcadas no papel vegetal em tinta azul acrílica.

Compartilhe isso:





Sem Título

Estudos de pintura 3 (Parte B), Sem categoria, acrílica e guache, ansiedade, arte, colagem, depressão, pintura

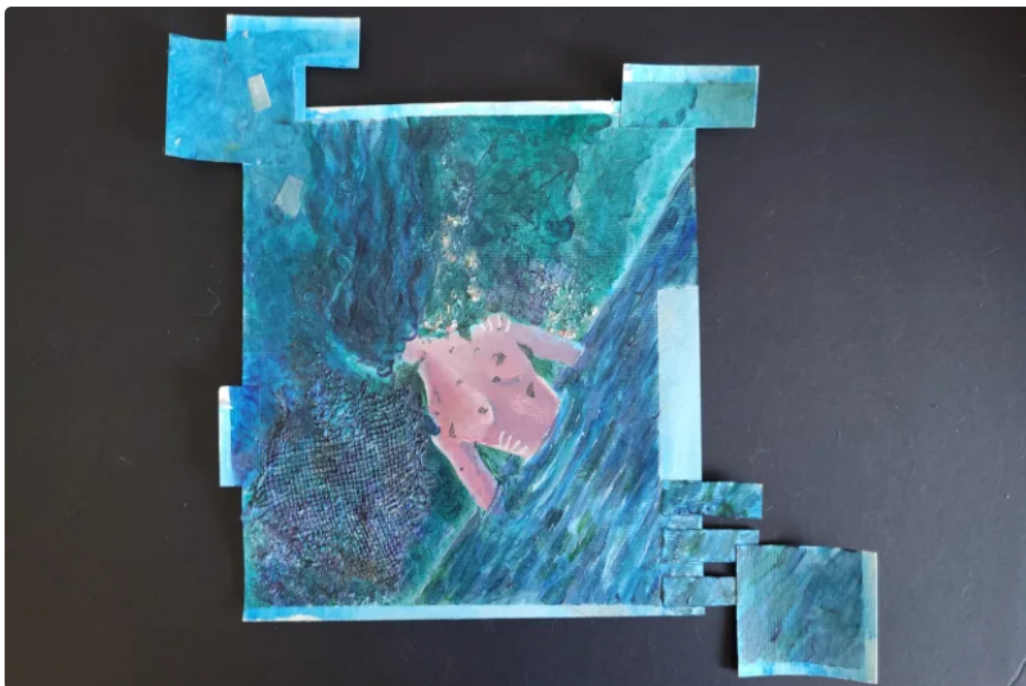
► Info

Mais uma experimentação de pintura 3, fazia sentido explorar os recortes, as presenças e as ausências. Trabalhados em tons de frios, a representação de uma pessoa desesperada no fundo da água, mostra alguém preso na depressão, com as várias mãos o puxando para baixo e se puxando de desespero. Algumas representações de algas mostram que ele está no fundo e as falhas na imagem mostram a sensação de vazio que a depressão pode deixar. As bolhas estão subindo, mostrando que ainda tem algum ar nos pulmões, mas ele precisa sair logo dali.

Compartilhe isso:

X 18+ Facebook

Reblogar Curtir Seja o primeiro a curtir este post.



Caminho para a morte

Estudos de pintura 3 (Parte B), Sem categoria [acrílica](#), [ansiedade](#), [art](#), [arte](#), [colagem](#), [depressão](#), [pintura](#), [psicologia](#), [saúde mental](#)

"Caminho para a morte"
Técnica mista, colagem e recorte sobre papel.
30 x 33 cm
(2021)

Essa obra não tinha nome até a montagem desta exposição. Eu decidi nomeá-la assim porque fazia muito sentido. Muitas vezes fazemos algo que tem um sentido num momento e outro depois. Essa obra representa uma espécie de transe, onde se está desistindo da vida. Assim como na tela anterior, eu me permiti experimentar as texturas e as camadas, colando os papéis pra trazer esses recortes quadrangulares, além deles eu adicionei alguns pedaços de giz seco (para quadro negro) esfarelados pra representar esses pedaços do personagem saindo de seu corpo e coloquei um pedaço de pano de saco pra trazer aquela textura de rede no fundo pra deixar o fundo mais grosseiro. A intenção era realmente mostrar que o personagem em cena está se autodestruindo e sendo atraído por esse momento final.

Compartilhe isso:





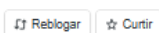
Sem título

Estudos de pintura 3 (Parte B), Sem categoria [acrílica](#), [ansiedade](#), [art](#), [arte](#), [autobiografia](#), [conteúdo sensível](#), [depressão](#), [pintura](#)

Acrílica sobre papel
(2021)

Ainda comenta o flerte mental do depressivo com o suicídio. Talvez seja estranho falar de flerte, mas estou comparando aquele pensamento repetitivo e recorrente com um flerte pq começamos a nos interessar pela ideia da morte. É um tema bastante delicado. Nessa cena eu quis representar uma estação de metrô. Todo trabalhado em azul e amarelo, coloquei o trem vindo nessa água, como se o suicida fosse afundar num mar de tristeza antes de fatalmente ser atropelado. Na plataforma as pessoas olham curiosas, os olhos estão representados pelos pontos amarelos no meio da massa confusa na lateral. O suicida claramente não está preocupado com isso, a plateia, eles apenas estão ali.

Compartilhe isso:



Seja o primeiro a curtir este post.



Coisas da Ansiedade

Estudos de pintura 3 (Parte B), Sem categoria [acrílica](#), [ansiedade](#), [autobiografia](#), [crise de ansiedade](#), [depressão](#), [pintura](#)

Acrílica sobre papel
14,8 x 21 cm
(2021)

Essa imagem é uma representação dos métodos que eu tinha pra me acalmar, eu ficava muito ansiosa em muitas ocasiões e um dos sintomas da minha ansiedade era a tremedeira, por isso a mão de certa forma se mistura com o fundo, é pra representar esse incômodo de um tipo de perda de controle que é o momento em que se começa a tremer de nervoso. Por memória afetiva a xícara de café, por que me ajudava a focar em algo os fones de ouvido e as mídias sociais, a água pras vezes onde as pessoas tentavam me ajudar e o pó de arroz pro tempo que eu passava me maquiando pra conseguir me confortar com a ideia de sair de casa ou de lidar com a minha aparência, pra elevar minha auto estima de alguma forma. O conta gotas é do floral que eu tomava como placebo pra acalmar, na esperança que fosse dar certo. Eu adiciono a tela algumas texturas da própria tinta trabalhada para fazer relevo em tons de azul, faço quadriláteros em lugares pra trazer a sensação de repetição e procuro atrelar isso a falhas e ausências, realidade quebrada, confusa.

Compartilhe isso:

X 18+ Facebook

SÉRIE: DEPRESSÃO, TRATAMENTO E ALTA

Série: Depressão, Tratamento e Alta, Sem categoria [arte](#), [informação](#), [introdução](#), [pintura](#)

Nesta série de telas eu escolhi criar dípticos. Essas telas representam dicotomias na depressão. Era do meu interesse que o suporte e as cores comunicassem alguma coisa, então essas obras têm alguns significados que serão explicados. Todos são trabalhos de técnica mista com fundo em guache e camadas em acrílica ou guache. São feitas em papel e tem uma estrutura de madeira embaixo para elevar uma obra sobre a outra, já que elas foram feitas para serem observadas em uma mesa e não numa parede (posteriormente os pés delas foram removidos para armazenamento). Cada obra trata de uma etapa da depressão, por isso o título fala desse processo que pode ser um tanto longo e difícil, mas que ajuda a tantas pessoas quando cuidados da maneira correta. Como uma paciente bipolar e recuperada da depressão, acredito que lidar com esse assunto seja fundamental para conscientização e também compreensão de como isso se dá distante dos textos informativos médicos que tendem a ser impessoais. A personalidade é utilizada, nesse caso, principalmente para reforçar o meu laço com o espectador e possível apreciador dessa obra.

Compartilhe isso:

X 18+ Facebook

Reblogar Curtir Seja o primeiro a curtir este post.



Depressão

Série: Depressão, Tratamento e Alta. Sem categoria. [acrílica](#), [ansiedade](#), [contrastes](#), [cor](#), [depressão](#), [guache](#), [papel](#), [pintura](#)

No primeiro díptico quis representar a diferença entre a realidade, ou como o mundo é comumente experimentado e a experiência depressiva perante a vida cotidiana. O uso da fragmentação da imagem para mostrar o desprendimento da realidade, a cena mostra dois caminhoneiros sentados numa bancada de restaurante beira de estrada ou uma pensão. A visão é de uma terceira pessoa que está entrando no ambiente, esse quadro convida o espectador a observar a cena com o olhar melancólico, negativo, com cores densas, escuras, em tons de roxo, vermelho e cinza azulado que compõem essa atmosfera. Mas também está disponível ao fundo as cores amareladas do dia e o verde das plantas, causando contrastes visuais comentando essa discrepância entre o filtro deprimido e a vida em cores. O recorte na tela como ponto de fuga pro fundo colorido, para revelar um pouco mais da ideia de que existe saída para quem tem o transtorno depressivo.



Depressão

Compartilhe isso:

10. Facebook

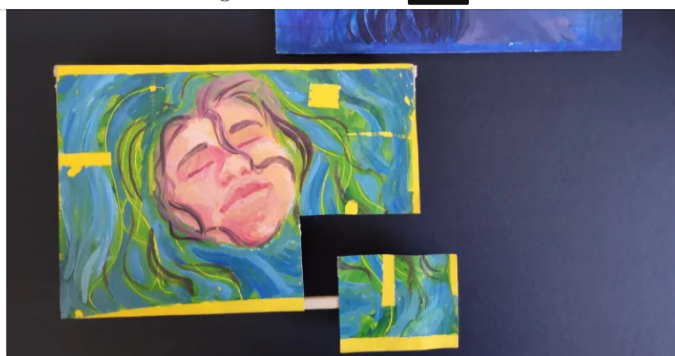


Tratamento

Série: Depressão, Tratamento e Alta, Sem categoria, acrílica, arte, depressão, quache, recuperação, tratamento

O segundo díptico comenta sobre o processo de tratamento. Ainda utilizando da fragmentação como representação da dificuldade da interpretação da realidade de forma saudável. Uma moça é vista de costas, um ponto de fuga vertical é posicionado a esquerda superior como o final de um corredor, é o caminho do tratamento, a personagem está se cuidando. No fundo ela aparece novamente, admirando a paisagem e observando o mar, representando os momentos onde dá pra se sentir melhor, as pequenas fagulhas de boas emoções, de boas sensações e menor apatia. Os tons são quentes, ela sente o calor, o vento, a sonoridade e pode aproveitar de vez em quando.

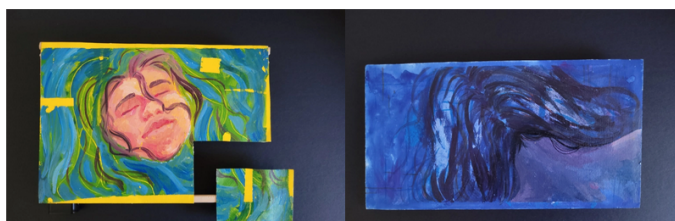




ALTA

Série: Depressão, Tratamento e Alta Sem categoria artística em depressão quarta Pintura

Dentro da temática central da série, aqui chegamos na alta. Era importante também trazer uma mensagem de esperança dentro do assunto. Aqui se trata da dualidade entre estar saudável mas viver com a possibilidade do retorno dos sintomas severos, a depressão é um transtorno que não tem cura, o que se entende hoje é que exista um processo de remissão e que é necessário que o paciente continue se cuidando como em outras doenças como a obesidade ou o câncer. Então nessas telas eu retiro a sobreposição e crio esse espaço onde os dois estão sendo representados mutuamente. Ambos os ambientes aquáticos, onde um está afundado nas águas, em tons de azul e roxo variados, os cabelos escuros a própria tela na escuridão e a continuação da remissão. A água então vista como um lugar de relaxamento, de descanso, de liberdade, traz a ideia do alívio, da luz do dia, do sentimento reacquecido, dos pensamentos saudáveis. Ainda existem peças a se unirem, é um processo de reconstrução, de reinterpretação, aprendizado e muito autocuidado. Mas o fim desta série representa uma expectativa, a esperança para dias melhores.





PERSONA FRAGMENTADA

Sem categoria, TCC, art, arte, autobiografia, depressão, instalação, literatura, livros, maquete, saúde mental

Persona Fragmentada é um projeto tridimensional, com referências no Hélio Oiticica (O grande núcleo) e Yayoi Kusama (Infinity Mirror Room). É um trabalho autobiográfico que fala de um momento do meu processo como pessoa depressiva (bipolar) explicando uma necessidade de se adaptar às pessoas e ambientes para se sentir acolhido. Nesta obra a intenção era trazer o espectador para o desconforto da fragmentação, do processo de se modificar tantas vezes pra caber num espaço a ponto de não se reconhecer mais, não saber ao certo o que é o seu eu verdadeiro. Logo foram projetadas 5 camadas de múltiplos espelhos montados como um quadro mas com espaços vazios, intervaladas por 1m de distância entre cada camada, um após o outro, com 2,10m de altura. *"Me revelo na minha obra, estranha mas igual. Me reconheço em partes no espelho, mesmo que seja a mesma coisa que sempre vi, pareço desfigurada novamente, confusa, dispersa."* (SIMONACI, Alice Affonso. Trabalho de conclusão de curso: Autobiografia Fragmentada – ...)

PERSONA FRAGMENTADA

Sem categoria, TCC [art](#), [arte](#), [autobiografia](#), [depressão](#), [instalação](#), [literatura](#), [livros](#), [maquete](#), [saúde mental](#)

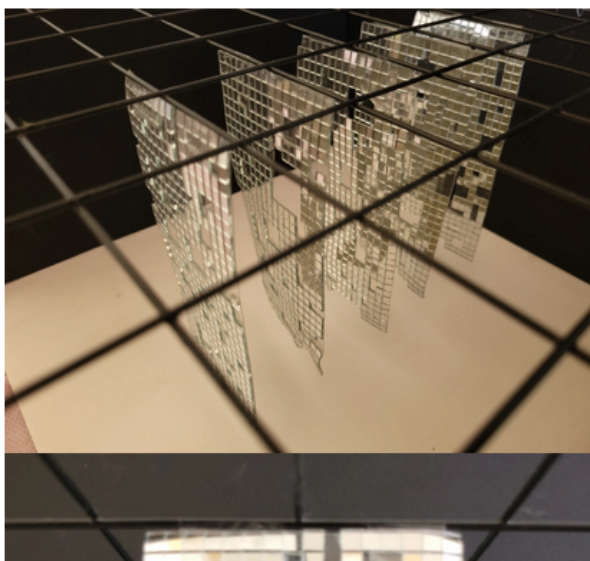
Persona Fragmentada é um projeto tridimensional, com referências no Hélio Oiticica (O grande núcleo) e Yayoi Kusama (Infinity Mirror Room). É um trabalho autobiográfico que fala de um momento do meu processo como pessoa depressiva (bipolar) explicando uma necessidade de se adaptar às pessoas e ambientes para se sentir acolhido. Nesta obra a intenção era trazer o espectador para o desconforto da fragmentação, do processo de se modificar tantas vezes pra caber num espaço a ponto de não se reconhecer mais, não saber ao certo o que é o seu eu verdadeiro. Logo foram projetadas 5 camadas de múltiplos espelhos montados como um quadro mas com espaços vazios, intervaladas por 1m de distância entre cada camada, um após o outro, com 2,10m de altura. *"Me revelo na minha obra, estranha mas igual. Me reconheço em partes no espelho, mesmo que seja a mesma coisa que sempre vi, pareço desfigurada novamente, confusa, dispersa."* (SIMONACI, Alice Affonso. Trabalho de conclusão de curso: Autobiografia Fragmentada – 2024)

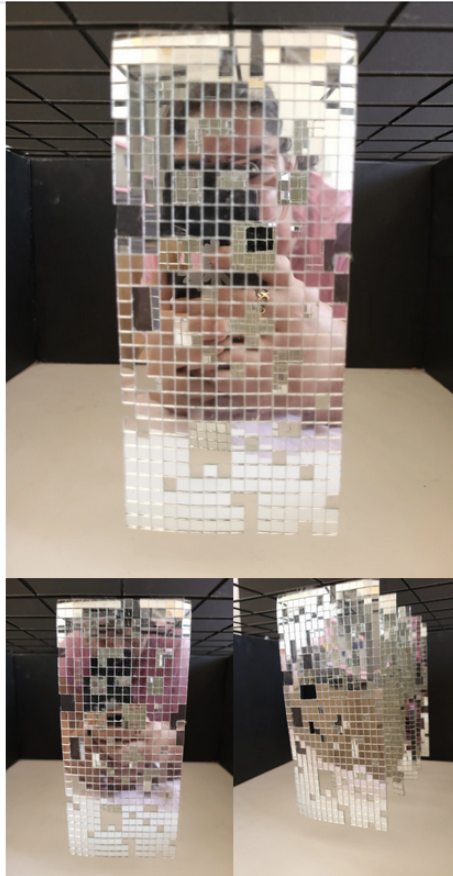
Quando eu seleciono os espelhos eu procuro construir empatia. O espelho me dá a oportunidade de pintar sem precisar pegar num pincel e, agora, não tenho a mim representada como uma figura melancólica digna de pena, mas tenho o espectador participante do projeto que, numa tela lisa vai se ver narcísico, mas na tela fragmentada vai ter sua visão sobre si distorcida e confundida. Essa tela nunca se repete, é impossível ver a mesma coisa nessa obra. Ninguém pode ver o que o outro vê, ele nunca vai ser o mesmo. É um repertório infinito de imagens.

No planejamento, quero incomodá-los, não para que sintam-se como eu, mas para que virem seus olhos para essa realidade. Quero que seja percebida essa realidade estranha, muitas vezes vista como uma frescura, mal compreendida e oprimida. É uma dor considerável, desfigura a realidade de tal forma que a mente passa a desejar a autodestruição e, em muitos casos, planeja.

(SIMONACI, Alice Affonso. Trabalho de conclusão de curso: Autobiografia Fragmentada – 2024)

Nesta última obra, o espectador é convidado a caminhar entre os espelhos e se ver desfigurado de muitas formas, ausente, como se suas partes faltassem por causa dos espaços vazios na obra. Ela é participativa e colaborativa com todos que se aproximarem.





► Persona Fragmentada

Compartilhe isso:



13+



Facebook



IT Rebloar



Curtir



2 curtidas